

30 anos Tribuna

UM JORNAL COM A CARA DE RIBEIRÃO

UMA HISTÓRIA VIVIDA E CONTADA.

DOMINGO E SEGUNDA-FEIRA, 28 E 29 DE SETEMBRO DE 2025

FUGA FRUSTRADA

Logo na edição inicial de 1996 - e 18ª desde o início do jornal - o Tribuna Ribeirão encarou sua primeira grande cobertura. No meio da tarde de 5 de janeiro, uma sexta-feira, presidiários armados com revólveres e duas granadas renderam dois policiais civis e exigiram uma camionete para fugir da Cadeia de Vila Branca - desativada em 2002, quando foi transformada em penitenciária feminina. Um dos detentos morreu, baleado pela polícia ao tentar "denotar" uma das granadas.

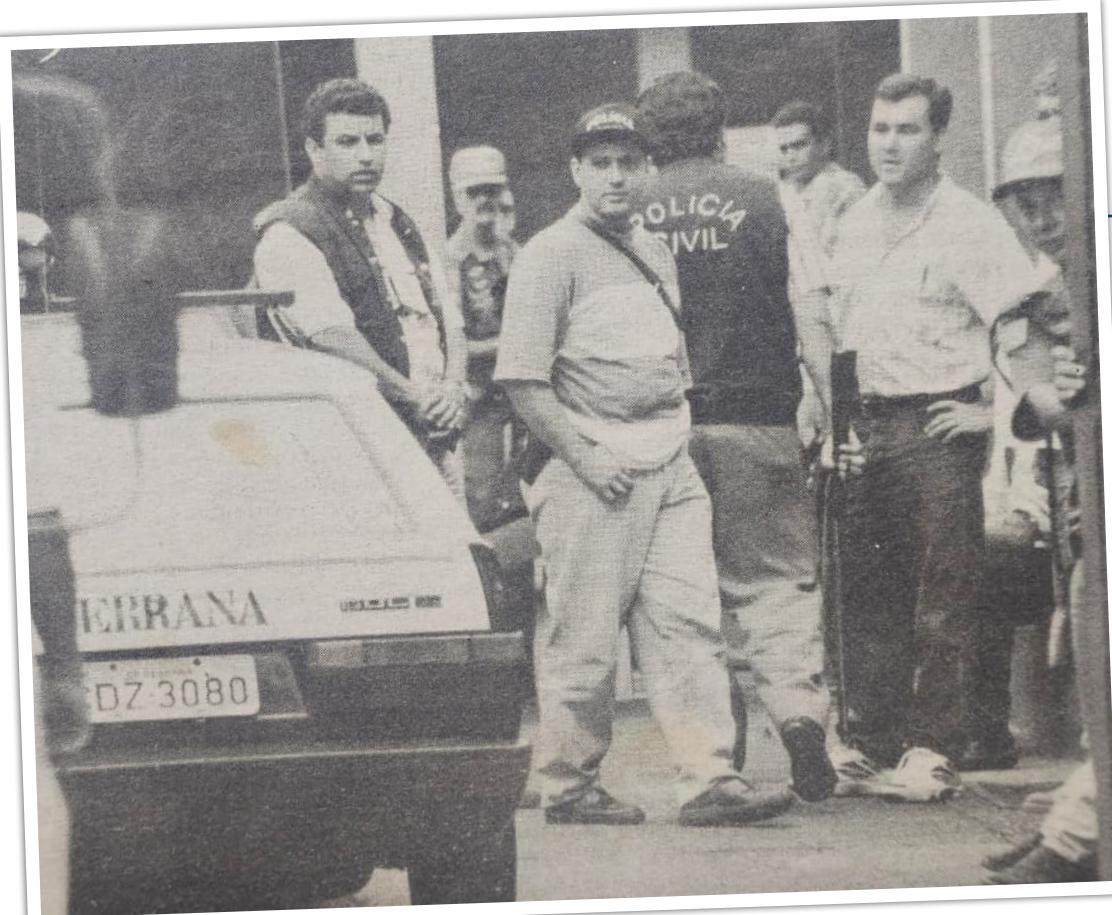
A tentativa de fuga durou quase 94 horas. Por isso, como o jornal era semanal, o desfecho só foi publicado na edição seguinte, em 13 de janeiro - o início foi destaque logo no dia seguinte, sábado, dia da semana em que o Tribuna chegava às bancas e aos assinantes.

Como ainda não tinha circulação diária, o jornal compensava o 'atraso' temporal com matérias especiais, indo além do factual divulgado pela imprensa no dia a dia.

Em 11 páginas, com direito a logotipo de cobertura especial ("Fuga Frustrada"), o impresso reviveu todos os passos daqueles dias, traçou perfis dos presidiários, registrou o trabalho dos colegas da imprensa e ainda em-

Fuga frustrada em Vila Branca

REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO



Ação em Vila Branca reuniu mais de 150 policiais

placou uma entrevista exclusiva com o principal personagem daquela época, o investigador Luís Carlos Molina - que hoje, quase 30 anos depois, volta às páginas deste Tribuna.

Como começou a rebelião ninguém soube ao certo. O próprio jornal registrou à época, "existem várias versões".

Seja como for, após a morte de um deles, que tinha uma granada nas mãos e foi abatido em confronto com os

guardas, o plano de fuga frustrado e a desistência de três detentos, restaram outros dois e número igual de policiais civis - um deles, Aloísio de Oliveira, foi libertado na noite de sábado.

E assim começaram as negociações de resgate, que envolveram mais de 150 policiais civis e militares - "armados de fuzis AR-15, metralhadoras, carabinas Puma, pistolas automáticas e cartucheiras

calibre 12" -, entre eles o delegado do GER | Grupo Especial de Resgate, Fábio Dalmas, e até o delegado-geral de São Paulo, Antônio Carlos de Castro Machado.

Depois de várias idas e vindas, corre-corres e informações desencontradas, a "Fuga Frustrada" chegou ao fim às 12h59 de terça-feira, 9 de janeiro, com a rendição de André de Oliveira e Anderson Teixeira.

Depois disso, Molina ainda trabalhou na Polícia Civil até se aposentar, em 2010.

Seminaria

Um dos presidiários, André Oliveira, então com 21 anos, havia sido seminarista em Brasília, cidade onde nasceu. Foi expulso antes de concluir o seminário menor, equivalente ao segundo grau. Na época ainda não havia sido condenado pela Justiça e estava preso na Cadeia de Vila Branca pelo furto de uma caminhonete.

Em entrevista logo após a rendição, afirmou que ver o choro dos pais foi determinante para que se rendesse. Dona Conceição, a mãe, também teve o reconhecimento do delegado Fabio Dalmas como sendo uma das pessoas mais importantes na negociação. "Apesar de estar preso, meu filho é bom e não vai fazer mal a ninguém", garantia aos jornalistas.

Imagem capturada pelo Aqui e Agora, noticiário policial do SBT de sucesso na época, mostrou o desespero de dona Conceição ao implorar para que o filho soltasse Molina. "Deixa a mãe falar: você está querendo morrer, não é mesmo, meu filho? Entendo solta este homem, pelo amor de Deus, ele é pai de família. A mãe dele está doente, ela é mais velha do que eu. Não faça isso com a vida de um pai de família".

Mais tarde, já no 6º Distrito Policial, André afirmaria que em momento algum pensaram em matar o policial, que também teve papel fundamental na decisão. "Nós nos rendemos devido ao pedido do Molina, que é um homem de muita palavra, um pai de família e, acima de tudo, um ser humano".

Referência da notícia



Imprensa participou ativamente da cobertura da rebelião

30 anos depois

Aposentado, Molina hoje cria galinhas

Pouco depois de deixar o cativeiro e antes de reassumir o trabalho, o investigador Luís Carlos Molina, então com 37 anos, recebeu o Tribuna Ribeirão em sua casa para uma entrevista exclusiva. Em quatro páginas, ele contou em detalhes como foi a experiência, a qual não desejava nem a um inimigo, "se é que os tenho".

Segundo Molina, os detentos que participaram da rebelião haviam "se despedido da família" na visita anterior. "A cadeia inteira sabia (da intenção). A resposta dos outros presos era a seguinte: é a sua

cara, vocês é que sabem. Os familiares não avisaram a polícia porque quem fizesse isso seria tratado como traidor", conta.

Como os dois rebelados não sabiam dirigir, o investigador seria o responsável por dirigir a camionete no caso de fuga. A ideia, lembra, era saltar do veículo. "Tinha um plano: saia e quando chegar num lugar seguro abra a porta a furo".

Matar André e Anderson também chegou a passar pela cabeça de Molina. Após simular uma discussão com um delegado, que estava negociando com eles, ganhou a con-

A rotina dos colegas nessas 94 horas de rebelião foi destaque na cobertura do jornal. A matéria, cujo título é repetido hoje, conta que o repórter Luís Cláudio Alba, então no Sistema Clube de Comunicação e depois neste Tribuna por muitos anos, foi o primeiro a chegar. "Passava pelas imediações e estava com um aparelho HT sintonizado na frequência da polícia".

Transformando o pátio externo ao presídio, sob as árvores, em uma sala de imprensa improvisada, repórteres do impresso, rádio e televisão, também viveram uma rotina diferente naqueles dias. "Foi uma novidade para todo

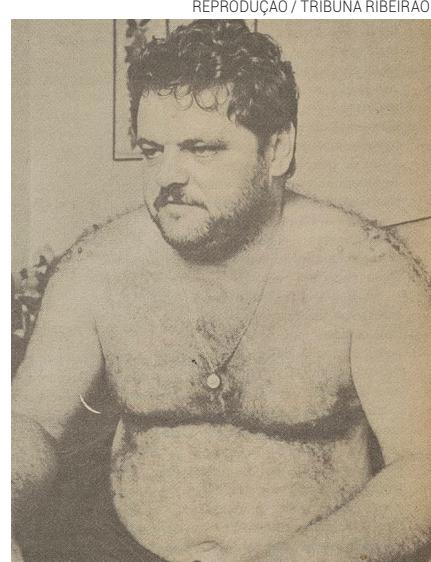
mundo. Frequentar cadeia não era algo que eu gostava, ninguém gostava. A tensão era muito grande, a gente ouvia uma gritaria vindo de dentro da Vila Branca", lembra o jornalista Marcos de Assis, que apresentava o jornal da rádio Clube e era correspondente do Diário Popular e da rádio CBN.

A polícia repassava poucas informações e os jornalistas tinham que se virar como podiam. Foi assim que o número do celular do investigador Luís Carlos Molina foi usado pela imprensa - mais de uma vez - para chegar direto aos presidiários.

Mas a prática também valeu um dos raros momentos de descontra-

ção daqueles dias. Talvez o único. Estrategicamente posicionado de onde via a colega, mas sem que ela o identificasse, Marcos de Assis ligou para uma das jornalistas que acompanhavam a cobertura. "Falei que era um dos bandidos e ela ficou toda empolgada, achando que realmente se tratava de um deles. Esperei ela contar para todo mundo para estava conversando, toda animada, depois eu desmenti. Vai que ela escreve para o jornal né?", diverte-se o jornalista.

Daqueles dias, além da amizade e a experiência, ficou a foto, que estampou a matéria no Tribuna Ribeirão e é um retrato do jornalismo de 30 anos atrás.



Molina: investigador ficou 94 horas como refém



"Eu ia matar os dois, com muita frieza. Pá, pá".

Luís Carlos Molina, investigador, 1996



"Vou continuando a vida, criando minhas galinhas".

Luís Carlos Molina, aposentado, 2025



"Você está querendo morrer, não é mesmo, meu filho?".

Dona Conceição, mãe do detento André Ramos de Oliveira



"Esse delegado fala pela bunda, deveria ser repórter, não policial".

Investigador não identificado, ao se referir a um dos decanos da categoria. Na edição do Tribuna de 13/01/1996



Você assistiu à Olimpíada de Barcelona?



André Luís Rezende

Minha 1ª vez no Tribuna

Nesses 30 anos, muita gente passou pelo Tribuna Ribeirão. Políticos, artistas, esportistas, pesquisadores e gente comum. Famosos e anônimos. Cada um, com suas histórias, dramas e sucessos pessoais, ajudou o jornal a registrar em suas páginas a biografia da cidade e região nas últimas três décadas.

O jornalista e empresário de comunicação e marketing André Luís Rezende foi um deles.

Na imagem reproduzida na capa deste especial, dos jornalistas que participaram da cobertura da rebelião da Cadeia de Vila Branca, em janeiro de 1996, ele está presente. Então estudante de jornalismo, André Rezende já atuava na Rádio CMN. Ele está bem ao centro na foto, de pochete e celular pendurados na cintura.

Seu nome apareceria pela primeira vez pouco tempo depois. E com destaque!

"André Luís Rezende e Alexandre Giachetto, alunos da 8ª etapa do curso de Comunicação da Unaerp, foram classificados entre os cinco finalistas ao Prêmio Líbero Badaró, na categoria Contribuição Universitária, com as reportagens 'Rota Caipira' e 'Sistema Carcerário'. Ambas as reportagens tiveram orientação do professor Gil Santiago".

Giachetto e Rezende eram, então, alunos da última etapa do curso de Jornalismo da Unaerp. Gil Santiago, que mais tarde escreveria "PRA-7, a primeira rádio do interior", com André Luís, era professor de ambos. Aliás, até hoje continua na área universitária.

"Eu me lembro que fomos até Brasília, no dia da solenidade de entrega da premiação do Líbero Badaró, no Teatro Nacional. Tinham vários medalhões do jornalismo concorrendo nas categorias profissionais: o Caco Barcelos, o Marcelo Rezende, o Boris Casoy, o Heraldo Pereira, enfim, grandes nomes. Não ganhamos, mas já foi uma grande vitória estarmos ali, como finalistas e com aquelas pessoas", lembra Rezende.

Antes do Líbero Badaró, os dois participaram com sucesso do Prêmio Expocom | Exposição de Pesquisa e Produção Experimental em Comunicação, festival destinado a estudantes de todo o Brasil. André Rezende foi o autor do trabalho sobre a Rota Caipira, enquanto Alexandre Giachetto, que desde 2013 apresenta o Jornal das 22, na RIT TV, participou com a matéria sobre o sistema carcerário.

Rezende considera até hoje um grande incentivo a nota publicada no Tribuna. "Sou muito agradecido. Foi uma grande moral para quem estava começando, isso para nós foi importante porque nos empolgou e animou ainda mais a fazermos um jornalismo bem-feito, bem apurado e dentro das boas práticas jornalísticas. Ajudou a abrir portas e buscar caminhos melhores na carreira e na vida".

REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO

Net local

Prêmio

André Luis Rezende e Alexandre Giachetto, alunos da 8ª etapa do curso de Comunicação da Unaerp foram classificados entre os cinco finalistas ao Prêmio Líbero Badaró, na categoria Contribuição Universitária, com as reportagens "Rota Caipira" e "Sistema Carcerário". Ambas as reportagens tiveram orientação do professor Gil Santiago. A reportagem "Rota Caipira" já havia sido premiada na IV EXPOCOM.

Tribuna agitou estudantes

A criação do Tribuna Ribeirão, relembra Rezende, agitou os estudantes do curso de Jornalismo da Unaerp. "A gente ficou muito feliz porque era mais um veículo para trabalhar, com vários profissionais experientes. O mercado estava crescendo". O slogan "um jornal com cara e coragem" foi motivo de identificação com os futuros estudantes. "Naquela época éramos todos aguerridos, querendo fazer coisas diferentes, mudar o mundo e mostrar as coisas erradas que aconteciam. Então nos identificamos com a proposta e o posicionamento do impresso", conta Rezende, destacando que o Tribuna chegou até aqui sendo "o único jornal a circular diariamente na região".

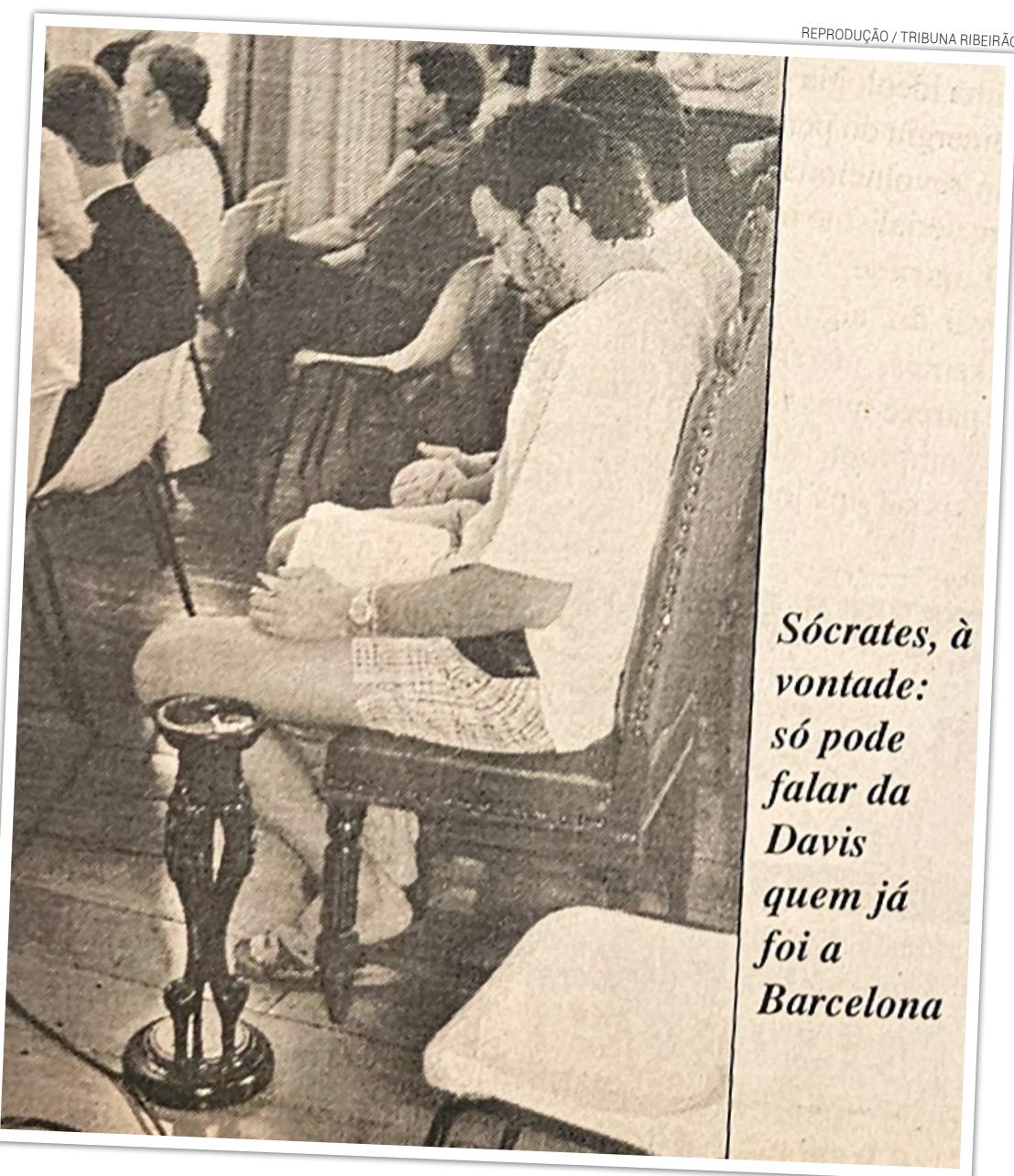
Na edição anterior deste especial "Tribuna Ribeirão - 30 anos", relembramos episódios marcantes de Sócrates com o jornal: a antológica entrevista concedida logo nos primeiros dias de vida do impresso e um momento pessoal do diretor de jornalismo Eduardo Ferrari com o ex-jogador.

Mas, a relação do Doutor com o Tribuna não foi marcada apenas por grandes momentos. O mesmo ídolo que falou por horas em um bate-papo histórico e aceitou serenamente a falta de preparo dos aspirantes à sommeliers, deixou de comparecer a uma homenagem do jornal e respondeu rispidamente a uma pergunta do jornalista Hilton Hartmann, hoje editor-chefe do jornal.

O ano era 1997 e o prefeito Luiz Roberto Jábali havia convocado a imprensa para esclarecer critérios e motivos que levaram a administração municipal a patrocinar uma das etapas da Copa Davis, principal torneio de tênis entre seleções do circuito mundial.

Na época, seu filho Roberto Jábali era um dos integrantes da seleção brasileira, ao lado de Gustavo Kuerten, Fernando Meligeni e Jaime Oncins. O valor repassado dos cofres públicos à Confederação Brasileira de Tênis foi de R\$ 240 mil.

Questionado pela reportagem deste Tribuna, o Magrão saiu-se dizendo que "aquilo tudo era ridículo, que ninguém teria que dar explicação". "Trazer a Davis é coisa para quem pensa grande, no futuro", completou Sócrates, antes de inverter os papéis e questionar o jornalista.



De bermuda e chinelo, Sócrates considerou desnecessário explicar à população os gastos públicos com a Copa Davis, em 1997

nar o jornalista. "Você assistiu à Olimpíada de Barcelona?"

A resposta veio no próprio Tribuna, na coluna Parabólica, assinada por José Fernando Chiavenato. Sob o título de "Vantagens de Rei", dizia: "Referência obrigatória para

intelectuais de botequim, o dublê de futebolista e médico Sócrates mereceu destaque especial. Compareceu à coletiva, no dito Salão Nobre da Prefeitura, de shorts, camiseta e chinelo. Autodidata em assuntos interplanetários, deixou rolar seu lado absolutista. Recusou-se a falar aos simples mortais e apenas reclamou de 'tanto barulho por causa de uma graninha de nada'. Falava da 'insignificância' de R\$ 240 mil. Que sua empresa ajudou a consumir".

Gasto com a Copa Davis gerou polêmica

Ribeirão Preto sediou a série entre Brasil e Estados Unidos, pelas primeiras rodadas da Copa Davis de 1997, entre os dias 7 e 9 de fevereiro. Os jogos aconteceram em um miniestádio construído ao lado do Tennis Country Club, reunindo grande público - cerca de 5.000 pessoas.

Para receber o evento, a cidade se comprometeu a repassar à CBT | Confederação Brasileira de Tênis uma verba de R\$ 240 mil. O gasto e outros supostos benefícios foram questionados pela oposição. "O acordo com a CBT foi feito na administração passada, em outubro", defendeu-se o prefeito Luiz Roberto Jábali, pro-



Polêmicas fora de quadra e muito público, assim foi a Copa Davis em Ribeirão

prietário da imobiliária dona do hotel onde a delegação norte-americana que disputou a

Copa Davis ficou hospedada. E se fora das quadras a competição gerou polêmica,

dentro as coisas não foram como esperadas. O calor superior a 35 graus, que para o treinador Paulo Cleto seria a grande arma brasileira - ao lado da torcida e do piso de saibro -, não foi suficiente para passar pelos norte-americanos. E mesmo com a presença de Gustavo Kuerten, que poucos meses depois venceria o torneio de simples de Roland Garros, o Brasil foi derrotado pelos Estados Unidos por 4 a 1.

Com o resultado, o Brasil disputou a repescagem para se manter no Grupo Mundial no ano seguinte. Os jogos foram realizados em Florianópolis, terra de Gustavo Kuerten, contra a Nova Zelândia, com vitória brasileira por 5 a 0.

Ídolo não apareceu em festa dos 25 anos do título de 1977



Tribuna comprou passagens de Assunção a Ribeirão Preto, mas Aguilera preferiu não correr riscos de ser preso



Festa dos jogadores de 1977: cadê o Doutor?

Para marcar o início da circulação diária do jornal, em 2002, o Tribuna Ribeirão reuniu jogadores, comissão técnica e dirigentes do Botafogo na Taça Cidade de São Paulo de 1977, para comemorar os 25 anos daquela conquista.

Do Rio de Janeiro veio o comandante, Jorge Vieira. Direto de BH, o volante Mario. Do interior paulista chegaram o lateral-direito Wilson Campos, o xerifão Ney, os meias Osmarinho,

João Carlos Traina e João Carlos Motoca. Morando em Ribeirão, o zagueiro Manoel, o volante Zito e os atacantes Arlindo, Zé Bernardes, Paulo César Camassuti e Maurinho Saquy, além do massagista Sebimbo e do presidente Atílio Benedini.

Faltaram dois grandes ídolos, que aguardados até mesmo pelos ex-colegas não apareceram. Um deles o goleiro Aguilera, que chegou a ter as passagens aéreas do Paraguai, onde vive até hoje,

para Ribeirão Preto compradas pelo Tribuna. Na época, ele alegou ter sido convocado como preparador de goleiros para a seleção paraguaia que disputaria a Copa no mês seguinte, na Coréia do Sul.

Não era bem isso. Anos mais tarde, foi revelado o real motivo: medo de ser preso. Em 1978, após uma briga com a ex-companheira, Aguilera voltou ao Paraguai e levou consigo o filho Toti, então bebê. A mãe do garoto acusou o goleiro paraguaio

de sequestro, crime que poderia levá-lo para trás das grades.

O outro, à lá Tim Maia, foi o Doutor Sócrates. Sabendo do histórico do craque, a organização do evento se cercou de todas as garantias da presença. Fez vários pedidos, inclusive a patrocinadores que tinham ligação próxima a ele. De nada adiantou. No dia, a única imagem do Magrão foi aquela estampada nos diversos posters que decoraram o salão.



Anunciantes desejam sucesso ao novo jornal

REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO

O departamento comercial é uma área muito importante dentro de qualquer empresa de comunicação, tanto quanto o de jornalismo. Responsável pela venda de assinaturas, anúncios e publicidades pagas, é quem permite, ao lado da venda em bancas, a manutenção econômica do negócio e a isenção do jornal.

No início do Tribuna Ribeirão, o responsável pela área comercial era o hoje diretor de jornalismo Eduardo Ferrari.

Para um jornal recém-fundado, em que pese com uma equipe de peso, formada por profissionais experientes e reconhecidos na cidade, pode-se dizer que o Tribuna foi um sucesso também comercial em suas edições iniciais.

A primeira edição, circulada em 9 de setembro, trouxe 12 anúncios (sendo cinco deles de meia folha), divididos em 28 páginas. Ainda havia 2 editais e um informativo de autarquias municipais.

O poder público, aliás, foi o grande anunciante dessa edição. Participaram com anúncios a Prefeitura e a Câmara Municipal, a Cohab, a Coderp, a Transerp, o Daerp, o Demurp e a Secretaria Municipal de Esportes.

A grande maioria usou o espaço para cumprimentar e desejar sucesso ao novo informativo da cidade. "Saudamos o Tribuna Ribeirão na esperança que tenha a 'cara' do verdadeiro e a 'coragem' no sentido da justiça", registrou a Transerp, atual RP Mobi, usando o slogan do jornal.

O aparecimento de um jornal para nós é motivo de alegria. Para uma cidade como Ribeirão Preto que valoriza a cultura, vemos no Tribuna Ribeirão o estímulo ao contínuo hábito de leitura.

"ra", foi o desejo da Câmara Municipal, desejando sucesso aos profissionais que "irão contribuir para o engrandecimento de nossa cidade, escrevendo assim um capítulo a mais de nossa história".

A Prefeitura Municipal ressaltou que o Tribuna Ribeirão "nasce com profissionais sérios, comprometidos com a verdade e a boa informação" e que com sua chegada iria "fortalecer ainda mais as instituições e o relacionamento transparente com a população".

Além do poder público, a iniciativa privada marcou presença na edição histórica. A ACIRP | Associação Commercial e Industrial de Ribeirão Preto, que então completava 91 anos, dizia que "não poderia deixar de parabenizar Ribeirão, que recebe um novo jornal".

Tribuna Ribeirão, um jornal que tem cara

e coragem. Parabéns, Ribeirão Preto".

Também anunciaram a Ribe Construções, Funerária Campos Elíseos e a MarLine, empresa de adesivos, camisetas e confecções em geral.

Editais

A publicidade legal se fez presente na edição inicial do Tribuna com dois editais do Daerp, atual Saerp | Secretaria de Água e Esgoto de Ribeirão Preto, e um informativo da Ceterp, e um informativo da Ceterp, empresa responsável pelo serviço de telecomunicações na cidade até sua privatização e integração à Telefônica, em 2000.

No comunicado, de meia página, a Ceterp informava a mudança de DDD e prefixo nas

VEÍCULO	ANO	COR	COM.	VALOR	FONE	VEÍCULO	ANO	COR	COM.	VALOR	FONE	VEÍCULO	ANO	COR	COM.	VALOR	FONE	
14	BRANCO	A	RS	1000	621174	CHISETTE SL	84	BRANCO	MET. A	RS	4000	621574	8	BRANCO	MET. A	RS	2500	621750
14	BRANCO	A	RS	1000	625422	CHISETTE SL	84	VERMELHO MET.	MET. A	RS	4000	621574	12	CHAMANDA	MET. A	RS	16000	635784
15	CHAMANDA	A	RS	14000	628423	CHISETTE SL	85	PRETO	A	RS	3800	626028	9	VERMELHO	MET. A	RS	15500	6247400
15	CHAMANDA	G	RS	14000	628423	CHISETTE SL	85/94	CINZA MET.	MET. A	RS	4000	627904	10	BRANCO	MET. A	RS	15000	6304691
11	CHAMANDA	G	RS	2700	627152	CHISETTE SL	86	VERMELHO MET.	MET. A	RS	4000	627904	11	BRANCO	MET. A	RS	14500	621232
11/72	PIRÁ	A	RS	7000	6230009	CHISETTE SL	86	VERMELHO MET.	MET. A	RS	4300	6246310	12	BRANCO	MET. A	RS	14000	6212894
72	BRANCO	G	RS	2800	6230009	CHISETTE SL	87/98	PIRÁ	A	RS	4000	6247144	13	BRANCO	MET. A	RS	14000	631070
78	BRANCO	G	RS	2700	627152	CHISETTE SL	88	PIRÁ	A	RS	3800	625142	14	PIRÁ	MET. A	RS	14000	634855
79	BRANCO	G	RS	2700	628423	CHISETTE SL	88	PIRÁ	A	RS	3700	627363	15	PIRÁ	MET. A	RS	14000	634855
83	PIRÁ MET.	A	RS	5000	622497	CHISETTE SL	89	PIRÁ	A	RS	3500	627334	16	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6281578
84	PIRÁ MET.	A	RS	5000	622497	CHISETTE SL	89	PIRÁ	A	RS	3500	627334	17	PIRÁ	MET. A	RS	14000	621232
89	CINZA MET.	A	RS	4000	624462	CHISETTE SL	90	CHAMANDA	A	RS	4500	6359784	18	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
90	BRANCO	G	RS	3000	627152	CHISETTE SL	91	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	19	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
90	PIRÁ MET.	A	RS	3000	627152	CHISETTE SL	92	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	20	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
91	PIRÁ MET.	A	RS	3000	627152	CHISETTE SL	93	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	21	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
72/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	94	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	22	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
83/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	95	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	23	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
84/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	96	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	24	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
85/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	97	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	25	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
86/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	98	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	26	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
87/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	99	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	27	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
88/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	100	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	28	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
89/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	101	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	29	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
90/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	102	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	30	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
91/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	103	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	31	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
92/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	104	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	32	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
93/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	105	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	33	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
94/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	106	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	34	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
95/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	107	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	35	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
96/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	108	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	36	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
97/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	109	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	37	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
98/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	110	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	38	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
99/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	111	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	39	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
100/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	112	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	40	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
101/24	PIRÁ	A	RS	3500	628423	CHISETTE SL	113	PIRÁ	A	RS	4000	6363176	41	PIRÁ	MET. A	RS	14000	6347184
102/24	PIRÁ	A	RS	3500	6284													



"Entre aspas"

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

"Não fui eleito para ser um banana".

"O PT acumulou mudanças profundas – não na ideologia – com a prática de governar, a prática parlamentar, sindical. É hoje um partido renovado e isso é positivo,"

"Ayrton Senna era excessivamente rancoroso. Reginaldo Leme sofreu na mão dele, simplesmente porque era um grande amigo do Nelson (Piquet). O fato do cara ser amigo do Nelson para ele era o suficiente para ser inimigo".

"Dizem que comunista não tem pátria, família e religião. Por isso, Deus não tem autonomia sobre nós, não pode nos levar. E o demônio quer fiquemos por aqui por mais tempo".



Laerte Alves, presidente do Botafogo. Na época, o ex-árbitro Wilson Roberto Catani acusou o então presidente de suborno. Catani teria recebido (cheques sem fundo) por suposto favorecimento ao clube, que naquele ano conquistou o acesso à Série A1. (1996)



Antônio Palocci Filho, médico, vereador, prefeito de Ribeirão Preto por dois mandatos (1993-1996 e 2001-2002), deputado estadual, deputado federal, ministro da Fazenda (2003-2006) e ministro-chefe da Casa Civil (2011), sobre as mudanças entre o PT que o elegeu pela primeira vez e o então atual. (1996).



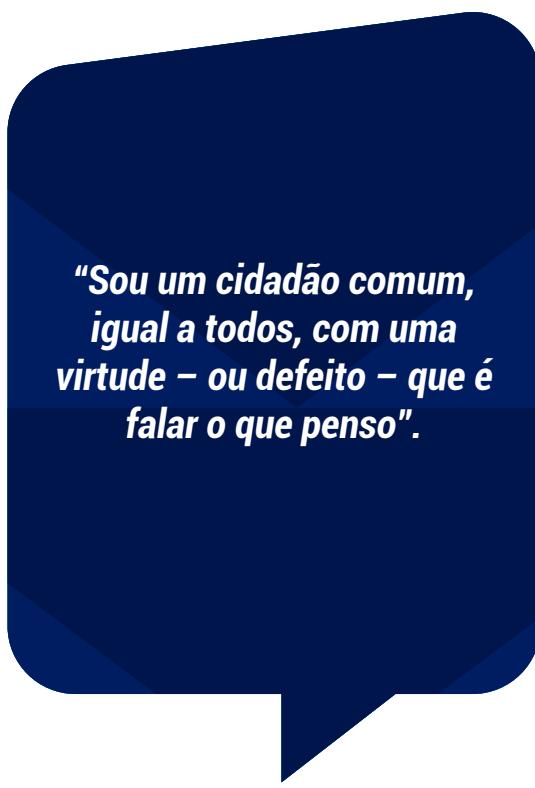
Chico Rosa, sócio do piloto Nelson Piquet. (1996)



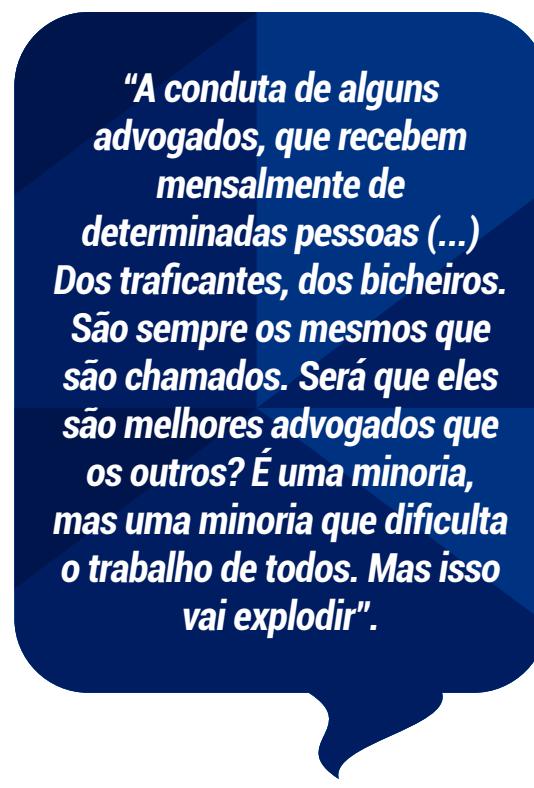
Luciano Lepera, jornalista, ex-vereador e deputado estadual pelo PCB. Faleceu em 2010, aos 86 anos. (1997)



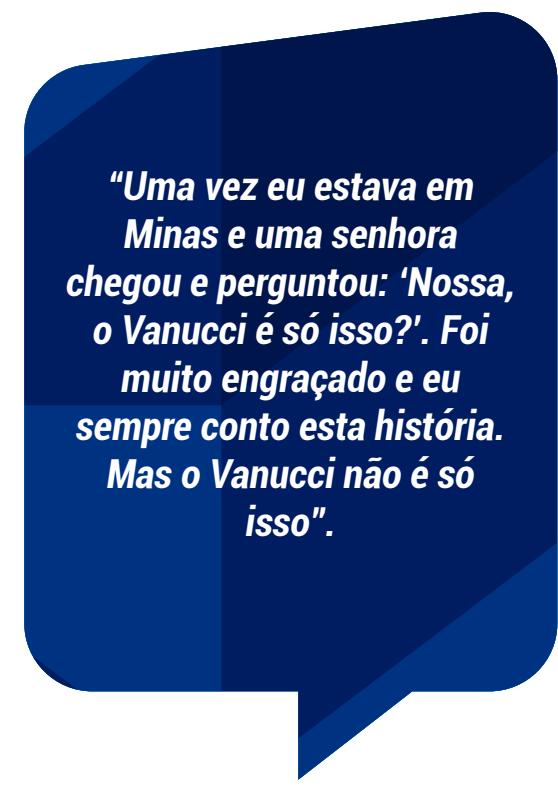
"Não sou marketeira. Se fosse, com certeza, seria diretora de alguma empresa".



"Sou um cidadão comum, igual a todos, com uma virtude – ou defeito – que é falar o que penso".



"A conduta de alguns advogados, que recebem mensalmente de determinadas pessoas (...) Dos traficantes, dos bicheiros. São sempre os mesmos que são chamados. Será que eles são melhores advogados que os outros? É uma minoria, mas uma minoria que dificulta o trabalho de todos. Mas isso vai explodir".



"Uma vez eu estava em Minas e uma senhora chegou e perguntou: 'Nossa, o Vanucci é só isso?'. Foi muito engraçado e eu sempre conto esta história. Mas o Vanucci não é só isso".



Adriana Galisteu, ex-namorada do piloto Ayrton Senna, então falecido há pouco. Na época, estava em Ribeirão Preto para inaugurar um kartódromo com seu nome e divulgar o livro 'O Caminho das Borboletas'. (1996)



Wilson Toni, jornalista, vereador, deputado estadual e secretário estadual de Promoção Social, durante o governo de Orestes Queríca (1988/1990). Faleceu em 2005. (1996)



Moysés Cocito, delegado da Seccional de Polícia de Ribeirão Preto, então há cinco meses no cargo, prometendo uma "caça às bruxas" e declarando guerra ao jogo do bicho, com cadeia para contraventores e apostadores. (1995)



Fernando Vanucci, jornalista e apresentador de TV, do alto de seus 1,65m. (1995)